

Questão 1:

A ciência geográfica tem como seu objeto de estudo, consagradamente reconhecido, o espaço geográfico. Este, suscita um debate epistemológico na Geografia acerca do seu significado e por conseguinte, inúmeras problematizações desde a sua institucionalização até o período atual. Numa leitura ontológica do espaço geográfico, uma reflexão importante advém da existência de sua materialidade. Esta, muitas vezes melhor apreendida pelas categorias que a Geografia criou para o entendimento espaço-temporal da realidade como o território, a região, o lugar, a escala ou a rede, entre outras.

A geografia, possivelmente foi a ciência que inaugurou o debate de compreensão da realidade passando pela relação que o homem (enquanto ser social e não o seu gênero) constrói com o seu meio. Ou seja, as relações de definição de quem é o homem se colocam na construção que ele estabelece com o recorte espacial que ele ocupa, transforma e ubiquamente ressignifica. Neste conjunto de ações do homem com o seu meio, se estabelecem relações de poder e controle, de onde emerge o conceito de território à luz da empiria do/ho meio.

Inúmeros pensadores da Geografia já problematizaram a temática do território assim como o entendimento científico/epistemológico/ontológico da relação entre o homem e o meio que é a sua base de constituição. Um dos autores clássicos da conceituação do território foi Raffestin. Através de suas teorias, foi desenvolvida a argumentação da definição do território mediante a presença de relações de poder. No raciocínio deste autor, o território é mediado pelo controle de um dado recorte espacial, onde as expressões de manifestação deste controle variam da expressão política à expressão econômica. Raffestin desenvolveu suas ideias num contexto histórico onde a relação homem/meio se constituía materializando-se no espaço quase como condição única de existência.

Outro autor que dialogou epistemologicamente com o conceito de território foi Laclau. Sua obra "A Geografia: isto serve em primeiro lugar para fazer a guerra" posiciona o conceito de território como uma teoria de estratégia e defesa. Para sustentar o argumento de que é necessário, mais uma vez, o controle do recorte espacial onde se estabelece a relação

homem x meio para uma lógica da sobrevivência da sociedade. Uma outra contribuição lacostiana, é que pensar no contexto militar do território já era pensar também profundamente nas diferentes possibilidades de territorialidades. Poderíamos citar também Katzel, com sua proposta de "espaço vital".

Num contexto mais contemporâneo de análise do conceito de território, temos o autor Haesbaert. Em obras como "globalização e fragmentação do mundo contemporâneo" e também "O mito da desterritorialização", Haesbaert problematiza o conceito descolando-o tanto da expressão política-militar lacostiana quanto da análise de Raffestin de um território mais rígido no tocante da relação com o espaço físico. Haesbaert, inserido teoricamente numa leitura pós-moderna de sociedade, considera a fluidez que o território enquanto categoria geográfica passa a ter numa vivência de mundo globalizado. A organização do espaço em redes e relações sociais também pautadas na lógica informacional, faz com que Haesbaert dê ênfase em sua análise teórica muito mais nas territorialidades constituídas nesses territórios. Ele não nega a dinâmica contextual dos outros autores mencionados, ele apenas atualiza o seu viés epistemológico dado os atuais fatos de configuração da realidade espacial. Para Haesbaert, a maneira mais adequada de mensurar as relações de poder que dimensionam a existência do(s) território(s) está no entendimento das relações sociais que tensionam disputas no espaço geográfico assim como solidariedades. A emergência das ditas territorialidades.

As Considerações Teóricas são múltiplas e polissêmicas sobre o tema do território e das territorialidades, aprofundando ainda mais a possibilidade de busca de entendimento da realidade socioespacial constituída, uma vez que esta é o próprio campo empírico de análise. A compreensão da relação homem x meio, na perspectiva de realizar uma leitura da natureza do espaço geográfico, foi bastante apropriada pela argumentação teórica da obra "A natureza do espaço" de Milton Santos. Através de uma lógica espaço-temporal, Santos conceitua nesta obra o "meio técnico-científico informacional". Ele defende que a consolidação de um meio técnico-científico-informacional explica a emergência de novas territorialidades no mundo contemporâneo.

Para compreender epistemologicamente o conceito do meio técnico-

Científico-informacional, este deve vir acompanhado da problematização de um processo sequencial de transformação espaço-temporal da sociedade. Na "Natureza do espaço", Santos inicia sua problematização identificando uma dinâmica espacial passada definida por ele como "meio natural". Neste período referido, o homem se relacionava com o meio numa lógica de sobrevivência e ainda "estranheza" científica. Da natureza, o homem retirava aquilo que necessitava e pouco conhecia acerca do funcionamento dos fenômenos naturais. Assim, a natureza permanecia pouco alterada. Com o advento histórico da Revolução Industrial, Santos define a partir daí o meio como técnico. Segundo sua argumentação, um meio técnico transforma a relação do homem com a natureza e com as pessoas vivendo numa dada sociedade. A atividade industrial vai moldar o ritmo de vida das pessoas temporalmente e espacialmente. A "estranheza" científica vai ser substituída pela curiosidade de reconhecimento da dinâmica de funcionamento dos fenômenos naturais. Reconhecer os ciclos da vida na natureza, tanto como a formação geológica da superfície terrestre, ampliarão os recursos naturais para a exploração da atividade industrial. O meio é técnico porque será muito mais constituído por uma paisagem também técnica do que predominantemente natural do período anterior.

O avanço técnico e domínio da natureza veio acompanhado da constatação de uma nova realidade: a possibilidade de esgotamento dos recursos naturais e do modelo de sociedade industrial. Então, as novas palavras de ordem são: aprimorar, economizar, otimizar. Numa nova lógica de pensamento sobre o desenvolvimento econômico, os principais investimentos passam a ser na ciência e na tecnologia em busca deste tipo de paradigma ^{que} também ^{seja} social. Emerge pois um novo meio denominado por Santos de "meio técnico-científico - informacional". O avanço científico traz ao mundo o advento da Internet possibilitando agora uma organização espacial em rede. A circulação da informação ganha a escala global em situações de imediatismo. Inúmeros são os exemplos da constatação daquilo que Santos definiu como a configuração do meio técnico-científico-informacional. Um meio fluido na circulação e informação

As condições de um meio técnico científico informacional como paradigma existencial da organização da sociedade, reconfigura as territorialidades constituídas além de possibilitar a emergência de outras inéditas. Além disso, a noção de escala geográfica também se explicitará em novos contextos e dimensões de abrangência.

A existência de um meio técnico científico-informacional, pressupõe uma condição material muito específica que está diretamente relacionada com a propagação da Internet. Ainda que com uma distribuição desigual bastante significativa, a Internet possibilitou a circulação de fluxos de capitais, pessoas, mercadorias e informações de tal forma que reestruturou lugares, instituições, processos políticos, entre outros inúmeros exemplos. Hoje, é perceptível que a noção sensorial de escala não carrega a mesma rigidez dos tempos sem Internet e sem a "popularização" da mesma. Há autores que defendem a dimensão do "glocal" para referenciar escala geográfica, uma vez que o sentimento de pertencimento com o local e o global hoje podem perfeitamente se imbricar existencialmente. E esta condição permeada, vai da esfera do indivíduo até a de instituições de grande alcance. Um exemplo deste fator descrito que é a condição material que envolve a Internet, é a ampliação da migração internacional de cérebros. Um indivíduo inserido qualitativamente no mercado de trabalho busca oportunidades em escala global. O território não é mais o limitante da sua possibilidade de ocupação espacial. O território nacional não é mais impeditivo neste caminho. As informações circulam na rede, mesmo que haja uma série de burocracias a serem revolvidas para a concretização da rede migratória de trabalho. Problematicando exemplos em condições opostas, teríamos também a atual condição de determinados grupos de refugiados.

Um segundo fator referente ao meio técnico-científico-informacional para novas territorialidades em escala global é a consolidação do surgimento de instituições supranacionais tal como organizações e blocos econômicos regionais. Num contexto relativamente recente, a emergên-

cia de algumas, nem mais pressupõe para o seu fortalecimento a condição regional. Tendo como exemplo os fóruns de reunião e deliberação do BRICS. Neste grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, num auto-reconhecimento de economias emergentes, é a condição de um meio técnico-científico-informacional que possibilita sistemas produtivos descentralizados, onde países com territórios geograficamente afastados podem possibilitar alianças econômicas dada as atuais condições de fácil circulação pelo espaço geográfico mundial. A aproximação econômica, através de um crescimento de negócios entre estes países mencionados, se deu mediante esta condição do meio técnico-científico-informacional.

Questão 3:

A distribuição do meio técnico-científico-informacional em qualquer território, está combinada com um pressuposto de um aparato tecnológico existente no dado espaço. Além disto, alguns outros complicadores devem ser considerados tal como: o tamanho do território; suas condições físicas e a própria dinâmica de distribuição da população. No caso do território brasileiro, todas essas condições são pontos que influenciam na dinâmica do meio técnico-científico-informacional ao ser pensado logisticamente.

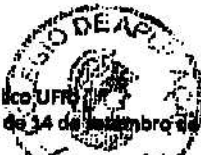
A questão das desigualdades socioambientais existentes no território brasileiro, se remontam à lógica de disposição da divisão territorial do trabalho do mesmo. Inicialmente, é perceptível as desigualdades entre as regiões brasileiras. A inserção do país nas relações econômicas internacionais também se deu de forma desigual. Considerando a regionalização geoeconômica dos "3 braços" de Pedro Geiger, as desigualdades socioambientais do território brasileiro são territorializadas sob diferentes perspectivas.

A região geoeconômica do Nordeste, acompanhou o auge da transição do meio natural para o meio técnico no país. Biomas como a Mata Atlântica e a Mata dos Cocais passaram intensamente por processos de degradação tanto pela prática extrativista

quanto, pela prática das monoculturas dos ciclos econômicos da região como a cana-de-açúcar, o cacau e o algodão.

Além do desmatamento, outra pensão socioambiental advém de uma urbanização desordenada no litoral onde o crescimento urbano também colaborou para uma intensa desigualdade socioambiental. A região Centro-Sul, atual região de maior dinâmica econômica existente no território, foi aquela que mais se transformou diante da emergência de um meio técnico-científico-informacional no país. Esta distribuição não foi homogênea nem no território em âmbito nacional nem no contexto interno da região, mas ela é indiscutivelmente a parte do território brasileiro de maior insegurança. Entre os impactos socioambientais, podemos pontuar: o avanço dos complexos agroindustriais no cerrado; constantes crises hídricas em grandes aglomerações urbanas que não deram conta de absorver espacialmente com equilíbrio atividades econômicas assim como movimentos migratórios internos; as desigualdades de investimentos de infraestrutura em relação a outras áreas do país para a ampliação de atividades industriais e captação de capital estrangeiro, entre outros. O que fica mais marcado é que a "rede" organizacional do meio técnico-científico-informacional divide os privilégios ambientais de forma democrática mas privilegia certos segmentos no acesso às suas facilidades para viver em sociedade.

E, finalizando com a terceira região geoeconômica, a Amazônia, a problemática atual que envolve a região nesta proposta de relação com o meio técnico-científico-informacional é mais sutil, no entanto suas possíveis desigualdades socioambientais extrapolam a escala do nacional no que se refere aos protagonistas envolvidos. No contexto científico e tecnológico atual, no que se refere ao meio ambiente, o ramo da biotecnologia ganha imenso destaque. E, não há patrimônio genético de maior valor agregado para a biotecnologia avançada do que a biodiversidade. A Amazônia enquanto região geoeconômica é o espaço com a maior concentração de biodiversidade em escala global. Sendo assim,



Uma ~~cidade~~ de ~~interesse~~ econômico internacional. Concomitante a isso, no território brasileiro, é para onde a fronteira agrícola avança assim como a dita parte do território com potencial futuro de crescimento econômico e exploratório para o país. Com a configuração das redes de circulação mais facilitadas pelo meio técnico-científico-informacional, a Amazônia mesmo com seus sistemas de vigilância já vigentes como o SIVAM, é uma das maiores preocupações de fluidez do território brasileiro. Do desmatamento à perda da soberania passando pela biopirataria e as territorializações que vão se perdendo dos povos locais, as desigualdades socioambientais da região ganham status de vigência em grande magnitude.

O discurso ambientalista da sustentabilidade para a Amazônia é algo quase inquestionável mas ainda pouco aplicável. A própria dificuldade de viabilizar praticamente a sustentabilidade acaba sendo o precalço para um embate mais expulso de combate aos impactos socioambientais da região.

Pensando numa escala mais nacionalizada, poderia ser pensado também algumas desigualdades socioambientais principalmente no que se refere a uma distribuição restrita das acessibilidades do meio técnico-científico-informacional. A distribuição irregular da população com uma concentração maior no litoral também dimensionam uma maior pressão ambiental para estas áreas. Concluindo, é percebendo que o meio técnico-informacional ao realizar as escalas numa organização do espaço em rede, distribui o resultado das desigualdades socioambientais para diferentes segmentos sociais e institucionais do território.